

A VONTADE DE VERDADE COMO UMA MANIFESTAÇÃO DA VONTADE DE PODER²⁷⁷

Hedy Carlos Santos de Pina*

Resumo: O presente artigo pretende-se discorrer sobre uma das principais noções da filosofia de F. W. Nietzsche, a vontade de poder. Entre as diversas perspectivas de interpretação que se tem e que se possa fazer, propomo-nos discutir exclusivamente o problema do mundo como vontade de poder referindo a dimensão orgânica, a partir de alguns textos das obras escritas do filósofo e de alguns estudiosos do assunto. Por esse viés, esperamos estimular um diálogo entre a interpretação filosófica de Nietzsche com as outras perspectivas como a moral religiosa, metafísica e científica que o influenciaram e serviram, também, como objeto de crítica. Um exame mais pormenorizado e aprofundado acerca do significado do eterno retorno de certo demandaria uma quantidade maior e diversificada de pesquisas, incluindo não unicamente as obras publicadas pelo filósofo, mas também um amplo material publicado postumamente. Sob esse ângulo, o presente texto deve ser entendido como uma indicação para futuras pesquisas.

Palavras-Chave: Vontade de poder. Vontade de verdade. Moral

THE WILL TO TRUTH AS A MANIFESTATION OF THE WILL TO POWER

Abstract: This article intends to discuss one of the main notions of the philosophy of F. W. Nietzsche, the will to power. Among the diverse perspectives of interpretation that

²⁷⁷ Nota de esclarecimento: Trabalhar com a obra de determinado autor, principalmente em filosofia, requer que antes de iniciarmos propriamente o texto, deixemos claro o nosso posicionamento quanto à utilização de terminologias, abreviaturas e traduções de conceitos desse autor. Com Nietzsche não seria diferente. Com efeito, a diversidade de sua obra – aí se incluindo as publicadas pelo autor e em nome dele – bem como a variedade de estilos e “fluidez” conceitual assim o exigem. Assim, no que diz respeito às citações, são de Nietzsche as obras sem indicação de autor. Optou-se por fazer referência não ao ano de publicação da edição utilizada de uma obra, mas à abreviatura do título conforme a legenda abaixo: EH/EH - Ecce homo / Ecce homo (1888 – 1908) FW/GC - Die fröhliche Wissenschaft / A Gaia ciência (1882, 1886) GB/BM - Jenseits von Gut und Böse / Para além do bem e do mal (1886) GD/CI - GötzenDämmerung / Crepúsculo dos ídolos (1888 - 1889) Za/ZA - Also sprach Zarathustra / Assim falou Zarathustra (1883-1885). Para a obra publicada, o algarismo arábico indica o aforismo, normalmente seguido, após vírgula, da página referente à tradução brasileira utilizada; no caso de GM, Z e GD/CI, o algarismo romano anterior ao arábico remete à parte do livro, seguindo-se, no caso dos dois últimos, o capítulo ou título do discurso. Para EH, o capítulo será indicado por algarismo romano, seguido, quando for o caso, da abreviatura da obra tema do capítulo. No caso dos fragmentos póstumos, o algarismo romano indica o volume da edição da KSA indicada, seguido do algarismo arábico que indica a seção, o número do fragmento em colchetes, e o ano em que foi escrito.

Para quase todos os textos de Nietzsche aqui utilizados, trabalhamos com a tradução de Paulo César de Souza; Z, com tradução de Mário da Silva. Para os volumes dos fragmentos IX a XIII, tomou-se a tradução de Marcos S. P. Fernandes e Francisco J. D. de Moraes para a seleção de fragmentos intitulada Vontade de poder (Rio de Janeiro: Contraponto, 2008). Para os demais autores, as referências em notas de rodapé indicam apenas: autor, título do livro ou artigo e a página. A referência completa, juntamente com a tradução, encontra-se nas referências bibliográficas ao final do artigo.

* Mestre pela Universidade Estadual do Ceará- UECE; membro do Grupo de estudos em Nietzsche - GENi - UECE.

we have and that can be done, we propose to discuss exclusively the problem of the world as the will to power referring to the organic dimension, based on some texts of the philosopher's written works and some scholars of the subject. Through this bias, we hope to stimulate a dialogue between Nietzsche's philosophical interpretation with other perspectives such as religious, metaphysical and scientific morals that influenced him and also served as an object of criticism. A more detailed and in-depth examination of the meaning of the eternal return of a certain thing would require a greater and more diversified amount of research, including not only the works published by the philosopher, but also a wide range of material published posthumously. From this angle, the present text should be understood as an indication for future research.

Key words: Will to power; Will to truth; Moral

Introdução:

A noção de *vontade de poder* (*Wille zur Macht*)²⁷⁸ é uma das principais doutrinas de F. W. Nietzsche. O conceito surge do maior acontecimento, o fato de que “Deus está morto” e o efeito disso é o descrédito em qualquer dimensão ontológica. O mundo dos fenômenos, a existência enquanto *vir-a-ser*, aparece assim como a única

²⁷⁸ Scarlett Marton no texto *A terceira margem da interpretação* da apresentação do livro *A doutrina da vontade de poder* de Wolfgang Müller-Lauter, traduzido por Oswaldo Giocóia Junior, justifica o uso da expressão “vontade de potência” em detrimento da “vontade de poder” da seguinte forma: “Optamos por traduzir a expressão *Wille zur Macht* por vontade de potência. E isto por várias razões. Adotamos a escolha feita por Rubens Rodrigues Torres Filho na sua tradução para o volume Nietzsche – Obras incompletas da coleção ‘Os pensadores’ (São Paulo, Abril Cultural, 2ª Ed., 1978). Permaneceremos fieis a outros escritos nossos, em que desde 1979 fizemos essa opção. Se traduzir *Wille zur Macht* por vontade de potência pode induzir o leitor a alguns equívocos, como o de conferir ao termo ‘potência’ conotação aristotélica, traduzir a expressão por vontade de poder corre o risco de levá-lo a outros, como o de tomar o vocábulo ‘poder’ estritamente no sentido político (e, neste caso, contribuir – sem que seja essa intenção – para reforçar eventualmente apropriações indevidas do pensamento nietzschiano). Mesmo correndo o risco de fazer má filologia, parece-nos ser possível entender o termo *Wille* enquanto disposição, tendência, impulso e o vocábulo *Macht*, associado ao verbo *machen*, como fazer, produzir, formar, efetuar, criar. (Nota nº 2, São Paulo, Annablume, 1997). Enquanto que o tradutor Oswaldo Giocóia Junior faz a opção pela expressão ‘vontade de poder’. Assim justifica: “Optei por vontade de poder, não pelo corrente termo vontade de potência, para traduzir o conceito nietzschiano *Der Wille zur Macht*. A tradução tem o inconveniente de arriscar-se a circunscrever o conceito demasiadamente no registro da filosofia política, mas apresenta também a vantagem de evitar a ressonância e a evocação da distinção metafísica entre ato e potência – o que certamente contraria a intenção de Nietzsche –, assim como de manter presente um dos mais fundamentais aspectos de seu pensamento, qual seja, uma concepção de força e poder se esgotando, sem resíduos, a cada momento de sua efetivação”. (MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder*. Nota nº 1). O Paulo César de Souza opta pelo termo “vontade de poder” e o Roberto Machado pelo termo “vontade de potência”. Em meio à divergência entre os tradutores, optamos neste trabalho a tradução vontade de poder, mantendo assim a coerência com as traduções de Paulo César de Souza das obras de Nietzsche usadas aqui como referência e verteremos para esta tradução (de modo a manter uma coesão nos textos desse trabalho) todas as citações nietzschianas onde ocorra a palavra *Wille zur Macht*.

realidade efetiva.²⁷⁹ O termo vontade de poder é importado por Nietzsche do campo das ciências, da biologia e da física, para reforçar suas teses filosóficas e refutar as interpretações morais, religiosas ou metafísicas. Em um escrito póstumo o autor de *Zarathustra* escreve o seguinte: “Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso!”. Aparentemente em *Assim falou Zarathustra* a vontade de poder se restringe ao mundo orgânico, aos impulsos e afetos nos seres vivos, mas com o tempo o autor o expande para o reino inorgânico a partir do conceito de força.

O conceito de vontade de poder começa a surgir do diálogo que Nietzsche trava com as ciências naturais da sua época. A necessidade de um embasamento científico a essa noção faz aumentar o seu interesse pela biologia. Nesse período, a partir de 1881, em que começa a redigir *Assim falou Zarathustra*, Nietzsche retoma a leitura do biólogo Roux que defende que a luta permanente subjaz a todo fenômeno vital, um confronto ininterrupto em que prevalece o dominar e assimilar o alheio.²⁸⁰

Na tentativa de buscar um fundamento cientificamente mais sólido para sua tese, Nietzsche estuda diversos cientistas naturais como Darwin, Lamarck, Galton, Haeckel, Nâgeli e Rutimeyer. Mas o que subsidiará a sua perspectiva de vida como luta de forças que um busca dominar o outro numa expansão de poder é a leitura de Rolph em 1884. Assim Nietzsche fundamenta a sua visão de vida como expansão e não como conservação segundo sua interpretação da ótica de Darwin²⁸¹.

1 A vontade de poder a nível orgânico em *Zarathustra*

²⁷⁹ “O conceito de vontade de poder emerge diretamente do acontecimento da morte de Deus e de suas respectivas consequências ontológicas. Porquanto a morte de Deus suprime a presença de toda e qualquer dimensão em-si no real, o mundo passa a vigor inteiramente na superfície fenomênica”. CABRAL, Alexandre Marques. *Zarathustra: cristão consumado*. p. 153.

²⁸⁰ Em *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, Marton enfatiza a importância dos trabalhos dos biólogos Rolph e Roux para a criação do conceito de vontade de [poder]: “Ora, em 1881, de Roux, Nietzsche reteve a noção de que, no próprio organismo, entre órgãos, tecidos e células, existe concorrência vital e, em 1884, de Rolph, a noção de que a concorrência, em vez de prejudicar a vida, aumenta sua quantidade”. A comentadora acrescenta que “no conceito de vontade de [poder], as duas noções serão subsumidas. Em Boscovich, físico, matemático e astrônomo croata, que viveu no século XVIII, Nietzsche foi buscar o conceito de força, importante para sua cosmologia. Segundo o físico Max Jammer, Boscovich, um estudioso do fenômeno de colisão dos corpos, chegou à conclusão que ‘impenetrabilidade e extensão (...) são meramente expressões espaciais de forças, ‘força’ é consequentemente mais fundamental do que matéria (...)” Marton, S. apud Neves, J. *O eterno retorno hoje*. p. 286.

²⁸¹ No parágrafo intitulado Anti-Darwin do livro *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche escreve: “No que toca à célebre ‘luta pela vida’, até agora me parece apenas afirmada e não provada. Ela acontece, mas como exceção; o aspecto geral da vida não é a necessidade, a fome, mas antes a riqueza, a exuberância, até mesmo o absurdo esbanjamento — quando se luta, luta-se pelo poder... Não se deve confundir Malthus com a natureza”. GD/CI-IX§14, 50.

Ao longo da sua experiência Zaratustra constata o seguinte: “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente encontrei a vontade de ser senhor”.²⁸² Em *Zaratustra*, a vontade de poder enquanto impulso vital se exterioriza tanto naquilo que domina quanto no que é dominado.²⁸³ Essa vontade não seria um querer consciente em que o sujeito escolhe livremente sobre a melhor conduta para atingir o fim pretendido: mais poder. Não seria a vontade de poder um único impulso, mas um complexo de afetos hierarquicamente estruturados que se manifestam no reino orgânico²⁸⁴. Também se manifesta essa vontade de poder, segundo Nietzsche, de igual modo nos seres humanos que acreditam possuir livre-arbítrio, capacidade de fugir das determinações da esfera da necessidade. O livre-arbítrio nessa perspectiva não passaria de mais uma ficção metafísica.

O maior engano propagado pela tradição filosófica e pelo cristianismo em relação à natureza humana seria a crença na sua liberdade de escolha. A consciência dessa liberdade que faz o homem acreditar ter o domínio e o controle sobre si, sobre seus pensamentos, e ser sujeito de suas decisões e ações é fundamentalmente uma ilusão da “pequena razão”, do “espírito”, do “Eu”. No capítulo “Dos desprezadores do corpo” parte I, fala Zaratustra:

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.

Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua razão.

“Eu”, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa porém, em que queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu.

²⁸² Za/ZA, “Da superação de si mesmo”, p. 108.

²⁸³ “Não apenas naquilo que domina e que estende seu domínio se exterioriza a vontade de poder, mas também no dominado e submisso”. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. p. 56. Cf. Fragmento póstumo, GA XIII, 62. Agosto –setembro de 1885, nº 40 [55]; KGW VII 3, 387.

²⁸⁴ “De fato, ‘em cada complexo ser orgânico’, emerge, pois, uma ‘profusão de consciências e vontades’ atrás da consciência e da vontade. Só se pode encontrar a qualidade única de Nietzsche em tal vontade fundamental. Por fim, o filósofo cunhou para ela o nome de vontade de [poder]”. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 62

O que o sentido sente, o que o espírito conhece, jamais tem fim em si mesmo. Mas sentido e espírito querem te convencer de que são o fim de todas as coisas: tão vaidosos são eles.

Instrumento e brinquedo são sentidos e espírito: por traz deles está o Si-mesmo. O Si-mesmo também procura com os olhos do sentido, também escuta com os ouvidos do espírito.

O Si-mesmo sempre escuta e procura: compara, submete, conquista, destrói. Domina e é também o dominador do Eu.

Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele.²⁸⁵

É o corpo, a “grande razão” com toda sua complexidade de impulsos, a causa dos nossos prazeres e desprazeres, dos nossos valores e das nossas vontades.

Para o autor de *Zarathustra*, os “nossos impulsos são redutíveis à vontade de poder. A vontade de poder é o fato último a que podemos chegar”.²⁸⁶ De acordo com Wolfgang Müller-Lauter, “Nietzsche remete todas as nossas atividades intelectuais e anímicas a avaliações (*Wertschätzungen*), que ‘correspondem a nossos impulsos e suas condições de existência’”.²⁸⁷ Os nossos impulsos lutam entre si na tentativa de impor ao outro o seu domínio, “ao nosso impulso mais forte, o tirano em nós, submete-se não apenas nossa razão, mas também nossa consciência”.²⁸⁸ O comando e a organização hierárquica estabelecida permanecem enquanto o impulso tirano mantém sob seu julgo os outros dominados. As estruturas não se mantêm sempre as mesmas, mas a partir da luta entre os afetos surgem novas configurações e um novo impulso dominante impõe seu comando e dá a direção.²⁸⁹

Os seres vivos são, portanto, uma multiplicidade de forças e afetos que se configuram numa luta permanente de domínio, resistência e obediência. “Nessa

²⁸⁵ Za/ZA, “Dos desprezadores do corpo”, p. 35.

²⁸⁶ KSA 11. 661, 40 [61], 1885. Cf. GA XIV, p. 327.

²⁸⁷ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. p. 56.

²⁸⁸ JGB/BM-I §158, 81.

²⁸⁹ “Cada uma das forças ou impulsos assume a cada vez o domínio no interior do conjunto de uma multiplicidade. Como cada uma delas é ‘uma espécie de despotismo’, com sua correspondente ‘perspectiva que ela gostaria de impor como norma a todos os impulsos restantes’, o domínio só pode ser conquistado e defendido na luta. (...) Em seu ‘prós e contra’, na ‘disputa dos afetos’, partidos se formam e se desfazem, os dominantes destituem-se uns aos outros: o ponto subjetivo move-se aos saltos. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 51-52.

multiplicidade, ‘concertos e forças’ subjazem ‘ao nosso pensar e à nossa consciência em geral’”.²⁹⁰ A função da consciência seria tão somente a interpretação ou justificação daquilo que no homem já foi impelido pelo jogo dos impulsos. Segundo Müller-Lauter,

(...) o homem é uma tão complexa organização de poder, que ele não pode mais experimentar aquilo que, “no fundo”, o impele. Ele é interpretação, mas ele é interpretado. Ele é vontade de poder, mas – como “vontade do homem” – vontade de poder impotente em relação a sua autoconstituição.²⁹¹

Dessa forma, não se poderia responsabilizar sequer os homens pelos seus atos. Seria, nesse caso, absurdo cogitar sobre a ideia de mérito ou culpa, de gratificação ou castigo. Portanto, os princípios morais não teriam sentido sem as noções de “consciência”, “livre-arbítrio”, “sujeito”, “Eu”²⁹².

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche diz haver ainda ingênuos observadores de si mesmos que acreditam na existência de “certezas imediatas” como o “eu penso”. O filósofo diz nessa obra que “um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um falseamento da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’”.²⁹³ O próprio filósofo usa termos como “sujeito”, “eu”, “indivíduo”, mas somente “como símbolos para o que escapa à denominação. E ele os rejeita, tão logo são pensados como conceitos”.²⁹⁴ Nesse caso, conceituar significaria fixar aquilo que é inconstante, ou seja, seria um ato de falsificar aquilo que é verdadeiramente efetivo: o *vir-a-ser*. Daí a rejeição de Nietzsche em fixar incondicionalmente os conceitos, pois, o que lhe interessa é “chegar ao que ‘efetivamente existe’”²⁹⁵, isto é, o mundo enquanto combinações de forças²⁹⁶.

²⁹⁰ Ibid. p. 52.

²⁹¹ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. p. 151.

²⁹² “(...) o eu, ‘nosso artigo de fé’ mais antigo, segundo Nietzsche, é apenas uma outra palavra para o sujeito. Como ele diz, não se trata “de algo dado, mas de algo inventado, de oculto, ou seja, aquilo que seria ficcionado e inventado: e, de fato, acrescido pelo pensamento através de uma invenção ‘para a multiplicidade de seus processos’. Através do pensamento, põe-se o eu. Mas a multiplicidade dos processos do pensar é somente ‘o lado de fora’: ‘sintoma de acontecimentos muito mais internos e fundamentais’” Ibid. p. 50

²⁹³ Ibid. p. 23.

²⁹⁴ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 55.

²⁹⁵ Ibid.

Posteriormente, nas obras nietzschianas a vontade de poder aparece relacionado também ao mundo inorgânico. O mundo, dessa perspectiva, seria uma luta incessante de *quanta* de forças opostas que se expandem, na medida em que os outros se apresentam como resistência. Sobre o mundo como grandeza determinada de força será tratado num outro momento, por enquanto nos detemos ao mundo orgânico. Segundo Nietzsche, a vontade de poder, na sua “essência” é expansão, conquista, dominação, comando. Portanto, para o autor de *Zarathustra*, o “impulso cardinal” dos seres orgânicos não é o impulso de autoconservação. Diz Nietzsche em *Além do bem e do mal*:

Os fisiólogos deveriam refletir, antes de estabelecer o impulso de conservação como o impulso cardinal de um ser orgânico. Uma criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força – a própria vida é vontade de poder –: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes consequências disso.²⁹⁷

Nessa perspectiva que se opõe à teoria darwinista, Nietzsche vê o mundo natural como expansão de vida e a luta pela existência seria apenas uma exceção.²⁹⁸

Na interpretação de Martin Heidegger sobre a vontade de poder²⁹⁹, ele diz:

Querer é querer-ser-mais-forte. Nietzsche também fala aqui por inversão e a partir de uma oposição ao mesmo tempo ao espírito de seu tempo, a saber, em oposição ao darwinismo. Elucidemos tal estado de coisas brevemente: a vida não tem apenas, como pensava Darwin, o ímpeto para a autoconservação, mas é ela mesma autoafirmação. O querer-conservar-se não se atém senão ao que já se

²⁹⁶ “(...) é preciso notar aqui que as características expostas na análise do ‘eu’, dizem respeito, pura e simplesmente, ao efetivo. O ‘perspectivismo’ acima apresentada opera também ‘no reino inorgânico’. Ou, como Nietzsche formula de modo ainda mais radical: não há ‘nenhum mundo inorgânico’. Só há vida, ou seja: processos incessante de posições de forças. O conjunto do acontecer, que nós denominamos ‘eu’, nada mais é que uma concreção particular da vida”. Ibid. p. 56.

²⁹⁷ JGB/BM-I §13, 20.

²⁹⁸ No aforismo 349 da *A gaia ciência* Nietzsche diz: “Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação. (...) Mas um investigador da natureza deveria sair de seu reduto humano: e na natureza não predomina a indigência, mas a abundância, o desperdício, chegando ao absurdo. A luta pela existência é apenas uma exceção, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de poder, que é justamente vontade de vida. FW/GC §349, 217.

²⁹⁹ Heidegger faz a seguinte citação: “Tomemos o exemplo mais simples, o exemplo da alimentação primitiva: o protoplasma estende seus pseudópodes para procurar por algo que se lhe contraponha – não por fome, mas por vontade de poder. Então, ele tenta superá-lo, apropriar-se dele, incorporá-lo: – O que se denomina ‘alimentação’ é meramente um fenômeno secundário, uma aplicação prática daquela vontade originária de se tornar *mais forte*.” NIETZSCHE *apud* HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. p. 48.

encontra simplesmente dado, ele se enrijece aí, se perde nele e fica assim cego em relação à sua própria essência. A autoafirmação, ou seja, o querer continuar dirigindo as coisas, ou seja, querer permanecer em cima, é constantemente um retornar à essência. A autoafirmação é afirmação originária da essência.³⁰⁰

De acordo com Müller-Lauter, a vontade de poder de Heidegger pode servir de exemplo para este caso, e assim prossegue:

(...) Ele (Heidegger) expõe que, segundo Nietzsche, a vida não teria apenas “o ímpeto de autoconservação”, no sentido do darwinismo, ela seria “autoafirmação”. Mas a vida só poderia afirmar a si mesma ao sobrepujar-se continuamente. A vontade de [poder] seria esse “sobrepujar-se”. O “caráter de intensificação da vontade” que ali se mostra lhe permitiria escalar de grau de [poder]. Ela ultrapassaria e iria além “de si mesma”. Por fim, “vontade de [poder]” quer dizer para Heidegger: “o legitimar-se d[o poder] para o próprio sobrepujamento”. Segundo essa interpretação, a vontade de [poder] não se dirigiria a outros *quanta* de [poder], a outras vontades de [poder], mas, em sua unicidade, se “desdobra em si mesma”. Bastando-se a si mesma, mover-se-ia no âmbito de sua própria essência. Em sua interpretação, Heidegger afirma a qualidade para si, ao passo que, segundo Nietzsche, ela é dada apenas nos *quantas*. Por isso, a chamada “autoafirmação” nada é para Heidegger que “autoafirmação originária da essência”. Em todo “querer-além-de-si” da vontade de [poder], trata-se, na interpretação dele, de um “chegar-a-si-mesmo, de encontrar-se e afirmar-se na simplicidade acabada da essência.”³⁰¹

A crítica de Müller-Lauter à interpretação de Heidegger está no fato do filósofo fazer da vontade de poder “um princípio metafísico que se desdobra a partir de si mesmo e do mesmo modo permanecendo em si, retrocedendo à sua própria origem”.³⁰² Para Müller-Lauter, ele busca mostrar “a relação intrínseca da vontade de [poder] de Nietzsche com a *dynamis*, *energeia* e *entelecheia* de Aristóteles”.³⁰³

Segundo a interpretação de Müller-Lauter, o discurso nietzschiano da vontade de poder não parte de unidades fixas. Na apresentação do livro *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, Scarlett Marton escreve que Müller-Lauter “acaba por apresentar refutação filosófica decisiva da leitura proposta por Heidegger”.³⁰⁴ Segundo a análise da filósofa, “não é do ponto de vista histórico-

³⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. p. 48.

³⁰¹ MÜLLER -LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 68-69.

³⁰² Ibid. p. 68.

³⁰³ Ibid.

³⁰⁴ Ibid. p. 13.

filosófico que ele (Heidegger) se interessa pela obra de Nietzsche, mas sim como pretexto para esclarecer a sua própria visão do mundo”.³⁰⁵ Assim esclarece Marton sobre a oposição entre as duas formas de interpretação oposta dos dois:

(...) Heidegger julga que a reflexão nietzschiana constitui o momento de completude da metafísica ocidental, uma vez que, ao inverter o platonismo, a ela propiciou esgotar suas possibilidades essenciais. E Müller-Lauter entende que a empresa de Nietzsche consiste justamente em proceder à destruição da metafísica a partir dela mesma.³⁰⁶

Marton reconhece que Nietzsche muitas vezes assume “ares de metafísico”, especialmente no seu pensar sobre eterno retorno “como a suprema aproximação entre o vir-a-ser e o ser; mas, por trás das aparências que inventa para si a cada momento”,³⁰⁷ segundo a filósofa, “leva a metafísica a desmoronar, porque não se detém, em momento algum, em suas investigações”.³⁰⁸ O filósofo, ao longo do seu empreendimento exclui a pergunta pelo fundamento do ente, no sentido metafísico tradicional. Para Marton, a filosofia de Nietzsche possui um caráter experimental, mas ao tentar defender continuamente suas hipóteses acaba buscando dar uma certa ordenação e sistematização ao seu pensamento. Assim como não se pode excluir totalmente todo traço de sistematização à sua filosofia como também não é de esperar alguma unidade onde se encontra verdades últimas e definitivas.³⁰⁹

No capítulo “Das mil metas e uma só meta” do livro I, a expressão vontade de poder aparece como a tábua de superações de um povo. Zaratustra, o errante que viu muitos países, reconhece pela experiência que “nenhum povo pode viver sem antes avaliar; mas, querendo se manter, não pode avaliar como seu vizinho”.³¹⁰ Para conservar-se como um povo, é necessário superar a anarquia de forças opostas que lutam entre si, internamente. Um impulso mais forte e tirano deve vencer e subjugar os

³⁰⁵ Ibid.

³⁰⁶ Ibid. p. 13-14.

³⁰⁷ Ibid. p. 14.

³⁰⁸ Ibid.

³⁰⁹ “(...) querendo continuamente pôr à prova suas hipóteses, ele sempre visa à unidade. Tanto é que, se sustenta que o caos se acha inscrito no mundo, também reconhece que a ordem é indispensável para a vida. Com o seu pensamento, não se pode furtar-se, pois, a ordenar. Malgrado a crítica que dirige aos espíritos sistemáticos, ele acaba por reconhecer, em 1888, que por vezes foi com esforço que escapou de ser um deles. Daí resulta que não se pode excluir da filosofia de Nietzsche todo e qualquer traço de sistematicidade; tampouco se pode esperar nela encontrar uma unidade que residiria um substrato de verdades últimas e definitivas”. Ibid. p. 15.

³¹⁰ Za/ZA, “Das mil metas e uma só meta”, p. 57.

outros que lhe oferecem resistência. Ele deve impor sua própria configuração, organizando de forma hierárquica e coesa todos os impulsos antagônicos. Uma vontade de poder vencedora que sobrepujou outras vontades de poder subjaz à forma de pensar e de avaliar de um povo. As suas tábuas de valores são configurações de impulsos e afetos.³¹¹

2 A vontade de verdade como vontade de poder mascarada³¹²

Nietzsche questiona em sua *A gaia ciência*: “Esta absoluta vontade de verdade: o que será ela?”³¹³ Nesta obra no aforismo 344 podemos elencar três sentidos possíveis para o trabalho de interpretação teórica da vontade de verdade. Primeiro, na pergunta: “E por que não se deixar enganar?”, pode ser entendido como *utilidade para a vida*, no sentido de ser válido para a conservação de um tipo de vida; o segundo, seguindo o princípio: “Não quero enganar” deparamos com a congregação dos temas verdade e moral; e por último, encontramos na esfera da metafísica quando “*afirma um outro mundo* que não da vida, da natureza e da história”. A tradição filosófica se empenhou na busca pela verdade a todo custo que rejeitou tudo que fosse aparência, embuste, simulação, cegamente, ou seja, a própria vida enquanto natureza. Ela criou para si um mundo eterno, imutável, “verdadeiro”, perfeito.

A exigência pela veracidade, na perspectiva da moral do ressentimento, auxilia na manutenção da sociedade de rebanho, pois “o homem moral é medroso. Seu ‘sentido de verdade’ é ‘no fundo’ um ‘sentido de segurança’”.³¹⁴ A convivência com os outros homens gera uma constante insegurança frente à diferença na forma de expressão do

³¹¹ “Uma tábua de valores se acha suspensa sobre cada povo. Olha, é a tábua de suas superações; olha, é a voz de sua vontade de poder (...) “O que faz com que domine, vença e brilhe, para horror e inveja de seu vizinho: isso julga elevado, o primeiro de tudo, a medida, o sentido das coisas.” Ibid.

³¹² A expressão ‘vontade de verdade’ (*Wille zur Wahrheit*) aparece em Assim falou Zaratustra, parte 2, “Da superação de si mesmo” (...) A melhor tradução disponível do Zaratustra recorre a uma paráfrase: “vontade de conhecer a verdade” (trad. Mário da Silva, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 6ª ed., 1990). Deste modo se perde na concisão, porém, e não se considera a analogia sintática com “vontade de poder” (*Wille zur Macht*). Mais adiante neste livro (seção 211), a vontade de verdade dos ‘autênticos filósofos’ é identificada à vontade de poder, como faz Zaratustra naquela mesma passagem, dirigir-se ao homem do conhecimento: “[...] em verdade, a minha vontade de poder também caminha com os pés da tua vontade de verdade!”. Já na terceira dissertação da *Genealogia da moral* a vontade de verdade questiona a si mesma, enquanto fé em Deus como verdade (seções 24 a 28). (*Além do bem e do mal*. Nota nº 6. Companhia das Letras, 1997).

³¹³ FW/GC §344, 209.

³¹⁴ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 163. Cf. KSA 3.36, A& 26 (tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho).

pensamento, sentimento e, sobretudo, os impulsos. No *Além do bem e mal*, Nietzsche escreve:

O quanto de perigoso para a comunidade, para a igualdade, exige numa opinião, num estado ou afeto, numa vontade, num dom, passa a constituir a perspectiva moral: o temor é aqui novamente o pai da moral. Quando os impulsos mais elevados e mais fortes, irrompendo passionalmente, arrastam o indivíduo muito acima e além da mediania e da planura da consciência do rebanho, o amor-próprio da comunidade se acaba, sua fé em si mesma, como que sua espinha dorsal, é quebrada: portanto, justamente esses impulsos são estigmatizados e caluniados. A espiritualidade superior e independente, a vontade de estar só e mesmo a grande razão serão percebidos como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de mau.³¹⁵

A consciência moral para conservar o tipo de vida gregária, avalia como mau o ímpeto de autoafirmação e a voluptuosidade que eleva o homem acima da comunidade e dos princípios coletivos. Assim os valores morais se opõem fervorosamente contra a natureza, consecutivamente, contra a vida.

Na natureza, a capacidade de mutabilidade e o instinto de dissimulação é a condição *sine qua non* de sobrevivência e dominação. Ao contrário, na sociedade dos homens regida pelas leis da moral e não da natureza, o indivíduo precisa ser conhecido e ele mesmo fazer-se conhecido. Torna-se cognoscível para ser previsível, assim evitando o mal que o desconhecido pode trazer a comunidade. A habilidade de dissimular é visto como um perigo para o rebanho. O conhecer-se a si mesmo se torna indispensável para fixar o indivíduo e evitar nele a inconstância para que o rebanho possa submetê-lo ao seu controle.³¹⁶ Pois o medo das piores consequências que a dissimulação ou a mentira recíproca pode trazer faz surgir o dever da verdade. O temor de ser enganado leva ao compromisso moral de ser verdadeiro e de sempre buscar e falar a verdade.

O impulso de veracidade converte-se em um Deus-dever que conhece as intenções mais ocultas de cada indivíduo. “Ele via com olhos que tudo viam – ele via os

³¹⁵ JGB/BM-I §201, 100.

³¹⁶ A sociedade é “o núcleo de toda moral”. Vigora em cada um de seus membros: “Tu deves ser cognoscível, [...] caso contrário és perigoso: e se tu és mau, a capacidade de te dissimular é o pior para o rebanho [...]. Por conseguinte, tens de permanecer cognoscível para ti mesmo”. Esse autoconhecimento pressupõe a “fixidez da pessoa”. Pois se o conhecedor acreditasse em sua “mudança”, ele sempre escaparia de si mesmo. Contudo, ao fixar-se a si mesmo e expressar seu “interior tornando fixo por meio de símbolos claros e constantes”, ele está completamente sob o controle do rebanho”. A “desconfiança”, portanto, “é fonte da veracidade”. MÜLLER -LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 163.

fundamentos e profundezas do homem, toda a sua escondida ignomínia e feiura”.³¹⁷ Assim falou “o mais feio dos homens” a Zarathustra. Para evitar que nenhum homem se furte à veracidade, criou-se esse juiz a quem nada permanece oculto, já que não se pode ter acesso ao interior dos homens.³¹⁸ O cristianismo foi além, ele moralizou todos os atos, passando a ideia de que tudo transcorre moralmente.³¹⁹ Com o cristianismo, a verdade aparece como uma revelação que garantirá a salvação e felicidade daqueles que acreditarem e professarem essa fé. Uma crença baseada na ficção de um mundo fixo, estável, fundamento dos valores superiores em oposição a este mundo do *vir-a-ser*.³²⁰

A grande exigência da fé cristã pela verdade voltou-se contra si mesma ameaçando sua própria existência. Segundo Müller-Lauter, “na medida em que a moral, com suas consequências, ‘exige acima de tudo verdade e probidade’, ela já se pôs, assim, ‘a corda no pescoço [...] com a qual poderá ser estrangulada – terá de ser’, ou seja, ‘a veracidade volta-se, por fim, contra sua própria origem’”.³²¹ Nietzsche na sua obra *Genealogia da moral* faz o seguinte questionamento: “O que, pergunta-se com o máximo rigor, venceu o Deus cristão?” Em seguida ele responde:

A resposta está em minha *Gaia ciência*, §357: “A própria moralidade cristã, o conceito de veracidade entendido de modo sempre mais rigoroso, a sutileza confessional da consciência cristã, traduzida e sublimada em consciência científica, em asseio intelectual a qualquer preço. Ver a natureza como prova da bondade e proteção de um Deus; interpretar a história para a glória de uma razão divina, como permanente testemunha de uma ordenação moral do mundo e de intenções morais últimas; explicar as próprias vivências como durante muito tempo fizeram os homens pios, como se fosse tudo previsível, tudo aviso, tudo concebido e disposto para a salvação da alma: isso agora acabou, isso tem a consciência contra si, as consciências refinadas o vêem como indecoroso, desonesto, como mentira, feminismo, fraqueza, covardia (...)”.³²²

³¹⁷ Za/ZA, “O mais feio dos homens”. p. 252.

³¹⁸ “A fim de não ocorrer a nenhum homem o pensamento, não obstante possível, de que ele poderia furtar-se à veracidade, já que seu interior é inacessível aos outros, a veracidade, é projetada num Deus-juiz a quem nada permanece oculto. Esse deus mesmo exige, em prol da credibilidade de sua exigência, que ele mesmo precisa ser verídico”. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 163.

³¹⁹ “Com ajuda de uma religião que satisfaz e adulou os mais sublimes desejos do animal de rebanho, chegou ao ponto de encontrar até mesmo nas instituições políticas e sociais uma expressão cada vez mais visível dessa moral: o movimento democrático constitui a herança do movimento cristão”. JGB/BM-I §201, 101-102.

³²⁰ “A efetividade é totalmente encoberta por um mundo de aparência que deve vigorar como o ‘mundo verdadeiro’”. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 165.

³²¹ Ibid.

³²² GM/GM III, §27, 147-148.

Para Müller-Lauter, “Nietzsche não se refere a outra coisa senão a esse ponto em seu discurso da morte de Deus que representa ‘o maior dos acontecimentos recentes’.

³²³ A moral do homem moderno, a “*moral de animal de rebanho*”, que deve sua origem ao movimento cristão, ao seguir com mais rigor o “senso de veracidade” provoca não só o fim da moral cristã, mas como o “*autoaniquilamento da moral*” do ressentimento em geral.³²⁴ Segundo Nietzsche, “depois que a veracidade cristã tirou uma conclusão após a outra, tira enfim sua mais forte conclusão, aquela contra si mesma; mas isso ocorreu quando coloca a questão: *que significa toda vontade de verdade?*”.³²⁵ A tomada de consciência gradual da vontade de verdade a partir da autorreflexão, de se analisar “*como problema*”, leva à destruição da própria moral do qual se emancipou³²⁶.

O cientificismo moderno³²⁷ é a “vontade de tornar pensável tudo o que existe”,³²⁸ ou seja, uma aspiração por um mundo de estabilidade. Nietzsche vê a ciência de sua época ainda como serva das “supertições” do rebanho na medida em que ela tem a pretensão de alcançar a segurança e o bem-estar comum para a conservação de um tipo de vida. Na sua busca pela verdade a todo custo teve que abandonar a ficção Deus-juiz que servia de fundamento aos princípios morais, apresentando-se assim como uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma das formas finais da moral. Desse modo, a moral do fraco, abandonando o “pano de fundo religioso” e convertendo-se na consciência científica, revela-se como manifestação da própria vontade de poder.³²⁹

Assim fala Zaratustra:

Tudo o que existe quereis primeiramente fazer pensável: pois duvidais, com justa desconfiança, de que já seja pensável.
Mas deve se adequar e se dobrar a vós! Assim quer vossa vontade.
Liso deve se tornar, e submisso ao espírito, como seu espelho e reflexo.

³²³ Ibid. p. 165-166.

³²⁴ Ibid.

³²⁵ Ibid. p. 148.

³²⁶ “Nesta gradual consciência de si da vontade de verdade – disso não tenho dúvida – perecerá doravante a moral”. Ibid. p. 148.

³²⁷ “O ateísmo incondicional e reto (– e somente seu ar é o que respiramos, nós homens mais espirituais dessa época!) não está, portanto, em oposição a esse ideal, como parece à primeira vista; é, isto sim, uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma de suas formas finais e consequências internas – é a apavorante catástrofe de uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe a *mentira de crer em Deus*”. GM/GM III, §27, 147.

³²⁸ Za/ZA, “Da superação de si mesmo”. p. 108.

³²⁹ “Mas a vontade de verdade mesma pode ser, assim, apenas “um meio” dessa vontade de potência.” MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 168.

Esta é toda a vossa vontade, ó mais sábio entre todos, uma vontade de poder; e também quando falais de bem e mal e das valorações.³³⁰

Na interpretação de Müller-Lauter, “a moral do ressentimento é expressão de uma vontade de [poder], embora ela se volte com indignação contra todo querer-[poder], ao censurá-lo como imoral. A vontade de moral mesma é uma vontade de [poder] disfarçada”.³³¹ Ela oculta e engana quando falsifica a efetividade na medida que busca fixar o que “está em ‘fluxo’ constante”. Mas, pelo rigor da veracidade, ela não quer enganar e nem se enganar,³³² e com isso estamos no terreno da moral,³³³ enquanto “que a vida é composta de aparência, quero dizer, de erro, embuste, simulação, cegamento, autocegamento”,³³⁴ afirma Nietzsche. Para ele, a vida, a natureza, a história são imorais, portanto,

Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, afirma um outro mundo que não o da vida, da natureza, e da história; e na medida em que se afirma esse “outro mundo” – não precisaria então negar a sua contrapartida, este mundo, nosso mundo?³³⁵

A compreensão moral do mundo da vontade de verdade levou à suposição de uma oposição essencial entre o “verdadeiro” e o “falso”. Portanto, o mundo tido como verdadeiro é aquele que não engana,³³⁶ contrário do mundo de vida, da natureza onde reina a aparência. Os moralistas e os metafísicos quiseram “abolir por inteiro o ‘mundo aparente’”,³³⁷ pois se deu maior valor à verdade do que a aparência³³⁸.

Na crítica aos sábios, no capítulo “Dos sábios famosos”, Zaratustra fala: “servistes ao povo e à superstição do povo, sábios famosos – e não à verdade!”³³⁹. Para

³³⁰ Za/ZA, “Da superação de si mesmo”. p. 108.

³³¹ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 167.

³³² “Esta absoluta vontade de verdade: o que será ela? Será a verdade de *não se deixar enganar*? Será a vontade de *não enganar*? Pois também desta maneira se pode interpretar a vontade de verdade; desde que na generalização ‘Não quero enganar’ também se inclua o caso particular ‘Não quero enganar a mim mesmo’”. FW/GC §344, 209.

³³³ Ibid.

³³⁴ Ibid. p. 209-210.

³³⁵ Ibid. p. 210.

³³⁶ “a pessoa não quer se deixar enganar supondo que é prejudicial, perigoso, funesto deixar enganar – nesse sentido a ciência seria uma prolongada esperteza, uma precaução, uma utilidade, à qual se poderia, com justiça, objetar”. Ibid. p. 209.

³³⁷ JGB/BM-I §34, 41.

³³⁸ Mas para Nietzsche, “não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; é inclusive a suposição mais mal demonstrada que já houve”. Ibid.

³³⁹ Za/ZA, “Dos sábios famosos”. p. 98. Nietzsche critica a ideia de verdade como a concordância de um discurso (racional e demonstrativo) com a realidade. A nova ideia de verdade consiste na aceitação do

Nietzsche, o homem veraz da sua época ainda está atrelado a uma “crença metafísica”,³⁴⁰ quando ainda aspira por um mundo de estabilidade e fixidez. Mesmo entre os que se fazem inimigos do ideal ascético, “os comediantes desse ideal”,³⁴¹ que despertam a desconfiança, possuem na sua vontade de verdade “esse resto de ideal”³⁴² que os faz ainda veneradores da “célebre veracidade”.³⁴³ É preciso um “ateísmo incondicional e reto”,³⁴⁴ segundo o filósofo alemão, “uma nova espécie de filósofos”,³⁴⁵ que partiram seus corações veneradores³⁴⁶ e serão capazes de reconhecer a inverdade como condição de vida. Filósofos que poderão criar uma filosofia para além da perspectiva do bem e do mal.³⁴⁷

O conhecimento para estas espécies de filósofos do futuro não é simplesmente uma abstração “(...) ou a pura e radiante contemplação”,³⁴⁸ mas “seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é – vontade de poder”.³⁴⁹ Uma forma de valorização que se diferencia da dos “metafísicos de todos os tempos”³⁵⁰ que possuem “*a crença nas oposições de valores*”.³⁵¹ Segundo Nietzsche, que se considera como um destes filósofos, “(...) a falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha.

fato que o efetivo é sempre inconstante, inviabilizando qualquer tentativa de fixação e conceituação. “Essa ‘verdade’ *não* é verdade porque ela não concorda com a efetividade, o que ela exige de si mesma. Pois a inverdade da ‘verdade’, de que agora é preciso falar, diz respeito apenas à não concordância da verdade humana, como o processo efetivo, na medida em que o fixa. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. p. 170.

³⁴⁰ “Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica – que também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... Mas como, se precisamente isto se torna cada vez menos digno de crédito, se nada mais se revela divino, com a possível exceção de erro, da cegueira, da mentira – se o próprio Deus se revela como a nossa mais longa mentira?” FW/GC §344, 210.

³⁴¹ GM/GM III, §27, 147.

³⁴² Ibid.

³⁴³ JGB/BM-I §1, 9.

³⁴⁴ GM/GM III, §27, 147.

³⁴⁵ JGB/BM-I §2, 10-11.

³⁴⁶ “E agora eu gostaria, ó sábios famosos, que afinal despísseis inteiramente a pele de leão!

A pele do animal de rapina, sarapintada, e a juba daquele que busca, explorar, conquistar!

Ah, para que eu chegue a acreditar em vossa “veracidade”, deveis primeiramente partir vossa vontade veneradora”. Za/ZA, “Dos sábios famosos”, p. 98.

³⁴⁷ Para Nietzsche, “isto significa, sem dúvida enfrentar de maneira perigosa os habituais sentimentos de valor; e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal”. JGB/BM-I §2, 12.

³⁴⁸ JGB/BM-I §2, 10.

³⁴⁹ JGB/BM-I §211, 118.

³⁵⁰ JGB/BM-I §2, 10.

³⁵¹ Ibid.

A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie”³⁵². Dessa perspectiva, a verdade não é vista como a correspondência do discurso racional com a realidade, mas como aquilo que permite e promove a ascensão da vida, ou seja, uma vontade ascendente.

Considerações finais:

Supondo, portanto, que a vida seja vontade de poder, uma luta constante entre impulsos que buscam dominar, a interpretação do mundo válida seria aquela que contribuísse para uma vida ascendente. No entanto, segundo Nietzsche, a interpretação dominante por milênio foi aquela que se colocou contra a própria vida: a moral. Estabeleceu-se como a única forma de explicação da realidade, a partir das oposições, aparência versus essência, bem versus mal.

Por meio dessa dualidade, criou uma realidade fictícia, onde residem as essências e o Bem em si, em oposição a esse mundo efetivo, um mundo de aparências e mudanças. Passou, portanto, a afirmar a primeira como verdadeira e a outra como falsa. Assim a moral, passou a negar tudo que seja aparência em nome da busca pela verdade. Por fim, essa busca pela verdade a todo custo se transformou no ímpeto científico que ameaçou a própria interpretação moral do mundo ao apresentar a realidade como luta de forças, uma realidade amoral.

A afirmação do mundo como vontade de poder, e a própria vontade de verdade como uma vontade de poder que busca conservar um tipo de vida, é afirmar a vida tal como ela se manifesta, como a única realidade efetiva. Qualquer forma de moralização da natureza ou negação desse mundo em nome de uma ficção não colabora para a expansão da própria vida, mas, ao contrário, favorece a um decréscimo de poder e a decadência da vontade.

Referências:

DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e eterno retorno. In: _____. **A ilha deserta**. Trad. de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2007. cap. 15, p. 155-166.

³⁵² JGB/BM-I §4, 11.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. 2. ed. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche**: uma biografia, volume II: os dez anos do filósofo livre (primavera de 1879 a dezembro de 1888). Trad. de Markus A. Hediger, Luís M. Sander. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MARTON, Scarlett. Da biologia à física: vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Nietzsche e as ciências da natureza. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de; FEITOSA, Charles, PINHEIRO, Paulo; SOARES, Rosana (Orgs.). **Nietzsche e as ciências**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 114-128.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. 2. ed. Trad. de Oswaldo Giacóia Jr. São Paulo: Anna Blume, 1997.

_____. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia De Bolso, 2016.

_____. **A vontade de poder**. Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro, Contaponto, 2011.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

_____. **Genealogia da moral**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Obras incompletas**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.